



# Ampliando o diálogo: o que faz uma conversação global?

O tema deste editorial foi desenvolvido na Conferência da Academia Internacional de Editores de Enfermagem em seu encontro anual ocorrido em agosto de 2012 na cidade de Montreal. Neste espaço estávamos representando a Enfermagem em Foco e participamos como debatedores. Entre as várias questões apontadas pelos proponentes da discussão, elegemos três como possíveis para responder a um diálogo global. Passamos a discuti-las a seguir:



## **PRIMEIRO, O IDIOMA**

O idioma é o principal problema para os falantes e pesquisadores quando estes desejam comunicar em Inglês suas produções científicas no mundo globalizado. No Brasil, tentamos ser parte deste mundo. Para isso, já estabelecemos algumas estratégias, tais como: publicação das revistas em inglês tanto impressa quanto na versão eletrônica; indexação de nossos periódicos em bases de dados internacionais, notadamente àquelas que são reconhecidas pelos países de língua inglesa dominante. Estas medidas têm a expectativa de ampliar a visibilidade no âmbito internacional. Isto resultou numa melhor posição de determinados periódicos brasileiros nesse cenário. No entanto, internamente, ao que parece, os leitores dos textos em inglês, ainda precisam dessa qualificação, o que podemos questionar se estamos excluindo nossos consumidores nativos?

A publicação de nossas revistas em inglês mostrou que estamos no caminho certo e na direção de ter nossos artigos citados e com fator de impacto, métrica que dá o tom de publicação no mundo. Algumas de nossas revistas já foram incluídas na lista do JCR devido a citações em inglês.

## **SEGUNDO, OS TEMAS**

Apesar da diversidade de problemas e temas que tenham uma penetração global, alguns deles são desinteressantes para revistas de alto impacto. Os editores justificam que essas questões relevantes para um país em desenvolvimento não são importantes (interessantes) para uma audiência internacional a partir do ponto de vista de editores do primeiro mundo. Não está claro o que é uma audiência internacional. Então, esse público internacional torna-se um critério de exclusão subjacente que limita a aceitação de nossos artigos.

## **ESTRÉGIAS DE SUPERAÇÃO**

Finalmente, as estratégias comuns que tratam de estreitar as diferenças. Embora o diálogo global proponha no momento abraçar algumas tensões, como cultura, política, questões profissionais, modelos éticos, preferências regionais, etc ..., que à primeira vista parecem ser as regras que serão o caminho para a publicação, na verdade, ao nosso ver é uma ilusão. Isto por que a produção científica só é reconhecida quando for publicada em revistas com alto fator de impacto. Isto também determina aos autores/investigadores recompensas em suas carreiras por parte de suas instituições. Situação que tem direcionado o padrão de produção científica.

Acreditamos que os editores em nível internacional também são acionados por uma certa força que os conduz a desejarem as revistas com alto fator de impacto.

Assim, a partir deste ponto de vista, podemos dizer que ambos, pesquisadores dos países ricos e dos países em desenvolvimento têm o mesmo objetivo: publicar em revistas de alto impacto.

**Joel Rolim Mancia**

*Editor-chefe*